

Ano VI Número 6 Novembro 2006

DUNAS

temas & perspectivas

revista anual sobre cultura e património da região de Ovar



sumário

EDITORIAL

Manuel Alves de Oliveira

- 3** NOTAS ARQUEOLÓGICAS DE RUI DE SERPA PINTO:
NECRÓPOLE DO CHÃO DO GRILLO, ESMORIZ
António A. Huet de B. Gonçalves
- 19** SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DE S. VICENTE DE PEREIRA:
A CASA
Helder Joaquim de Pinho de Almeida
- 31** A LETURA PÚBLICA NO CONCELHO DE OVAR
Manuel Bernardo
- 45** FRAGATAS, BARCOS DE MAR E LUGRES:
A CONSTRUÇÃO NAVAL NOS ESTALEIROS DE OVAR
António Vítor N. de Carvalho
- 57** O CAMINHO-DE-FERRO:
*VEIO ESTRUTURANTE DA EVOLUÇÃO SOCIO-URBANA ENTRE
PORTO E AVEIRO, EM EXEMPLO ESPINHO E OVAR.*
Rui Martins
- 75** ALGUMAS DIVAGAÇÕES SOBRE AS DUNAS DE OVAR
Maria Assunção Araújo
- 89** O CULTO DE FÁTIMA NO CONCELHO DE OVAR
Manuel Pires Bastos
- 107** EVOcando ARMANDO ANDRADE:
UM REPUTADO ARTISTA VAREIRO
Amaro Neves
- 111** EMIGRAÇÃO LEGAL ARADENSE NA DÉCADA DE 1920
Cristina Reis
- 129** AS FONTES DA RUA DA FONTE, EM 1930
Lamy Laranjeira
- 135** SUGESTÕES
- 136** INFORMAÇÕES ÚTEIS



A LEITURA PÚBLICA NO CONCELHO DE OVAR

Manuel Bernardo*

* Licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Técnico Superior de História da Câmara Municipal de Ovar, responsável pela Secção de História Local e Regional da Biblioteca Municipal de Ovar.

No dia 5 de Outubro do presente ano, cumpriram-se oitenta e dois anos, contados da data da inauguração da Biblioteca Municipal de Ovar. O aniversário é o pretexto para divulgar elementos sobre esses, mais ou menos, atribulados oitenta e dois anos.

Introdução

I- A leitura em Portugal

Até meados do século passado, a larga maioria dos portugueses não sabia ler nem escrever. No início do séc. XX, contavam-se cerca de 78,6 % de analfabetos, numa população absoluta de 5 423 132 habitantes⁽¹⁾. Ao longo da centúria em apreço, sucederam-se esforços para aumentar a escolarização e fazer regredir o analfabetismo a números

«razoáveis», mas, em matéria de alfabetização, Portugal acabaria por ocupar, sempre, os últimos lugares entre as nações europeias. Em 1980, o nosso País apresentava, ainda, uma taxa de analfabetismo de 17 % e mantinha-se, firmemente, na cauda da Europa (a Grécia, segunda nação mais analfabeta, apresentava então uma taxa de 6,8 %)⁽²⁾.

Com um tão grande número de analfabetos, nunca pôde desenvolver-se em Portugal uma forte indústria livreira. O livro foi quase sempre um objecto de luxo, de segunda ou terceira necessidade, sendo a leitura franqueada apenas a um contingente reduzido de estudantes ou a alguns membros das classes sociais privilegiadas.

No contexto atrás descrito, compreende-se, também, o fraco interesse por parte do Estado Português em promover a leitura e o mais que tardio

arranque da Rede Nacional de Leitura Pública. Só a partir da década de 80 do século passado se vem desenvolvendo um esforço consistente e coerente para criar uma rede nacional de bibliotecas municipais e escolares...

II- A leitura em Ovar

Em Ovar, tal qual como no resto do nosso País, durante séculos, saber ler e escrever foi sinónimo de pertencer às classes sociais privilegiadas. O número de pessoas alfabetizadas foi sempre muito reduzido. Contudo, ao longo dos três últimos séculos, verificaram-se, paulatinamente, algumas mudanças. Criou-se, desenvolveu-se e generalizou-se o ensino público, surgiram os jornais locais, as primeiras livrarias e bibliotecas abriram as suas portas...

Segundo António Baptista Zagalo dos Santos, só muito tardiamente (em 1774) a vila de Ovar conheceu a «graça» de um professor primário oficial. «Até essa data, o ensino das primeiras letras, estaria a cargo dos clérigos de missa, dos minoristas e dos falhados nas suas aspirações para usufruto dos proventos de uma escrivanhina»(p).

Ao primeiro professor primário (oficial) ovariense - Manuel José Moreira - não faltaram alunos, iniciando-se assim, de forma feliz, a tradição do ensino estatal na vila de Ovar. O primeiro edifício escolar digno só seria, no entanto, construído 94 anos depois (!) da entrada em funções do primeiro mestre escola, em 1868 - à custa do legado de Joaquim Ferreira dos Santos (o benemérito 1º Conde de Ferreira) - e foi tão mal cuidado que, vinte anos depois estava inabitável !?

Por aqui se poderá verificar a escassa importância que foi conferida ao ensino primário em Ovar. Sublinhe-se, ainda, o facto de que, até 1839, falar de ensino primário oficial é quase um eufemismo, uma vez que, na verdade, se deve falar,

apenas, de ensino primário oficial para o sexo masculino! Luísa Ludovina de Oliveira Camossa foi, em 1839, a primeira mestra oficial das meninas do concelho de Ovar e só, em 1871, passados 32 anos, se conhece a intenção da Câmara Municipal arrendar casa para uma escola primária do sexo feminino na vila.

Não andaremos longe da verdade ao afirmar que só o advento dos ideais republicanos agitou as quase estagnadas águas da Educação e do Ensino Primário em Portugal. Com efeito, os dados do 5º Recenseamento Geral da População (realizado em 1911) são eloquentes: em Ovar, o regime monárquico deixou um passivo de 18.980 analfabetos, numa população avaliada em 27.069 almas.

Se o regime monárquico deixou, no domínio do ensino, uma pesada herança à República, na sua fase constitucional, caracterizada pelo feroz combate político pelo poder, contribuiu para o aumento da leitura, através da proliferação das folhas e das gazetas políticas.

Em Ovar, o primeiro jornal local - «O Ovariense» - surgiu em 1883. Anunciando-se como jornal político, noticioso, comercial e agrícola, foi sobretudo uma combativa folha política em favor do Partido Progressista, exercendo uma crítica, por vezes muito truculenta, sobre o poder instalado.

Independentemente do seu conteúdo político, «O Ovariense» inaugurou a tradição de incluir nas suas edições um folhetim literário e anúncios de vendas de livros por via postal ou assinatura. Esta prática continuou a ser seguida pelos semanários ovarienses que, entretanto, foram aparecendo, para defender outras políticas.

O primeiro passo dado em favor da difusão da leitura, no concelho de Ovar, foi obra de José Luís da Silva Cerveira, um bairradino arribado a Ovar em 1886, que teve o engenho e a arte de encontrar créditos para se tornar, em vinte anos, um dos mais prósperos comerciantes da

nossa praça.

José Luís da Silva Cerveira que, muito novo ainda, tinha sido, em Coimbra, caixeiro da livraria «Melchiades», foi o primeiro livreiro de Ovar (fazendo-se anunciar no «Anuario Commercial de Portugal», publicação de que, aliás desde a primeira edição, era o agente em Ovar) e lançou, em 14 de Abril de 1901 o seu

«Gabinete de leitura»

O nosso amigo e infatigável comerciante Silva Cerveira acaba de supprir e preencher uma imperdável lacuna que, ha muito, se notava no nosso meio, abrindo no seu estabelecimento, sito na Praça, um systema economico de leitura que, á semilhança do que succede nos grandes centros, cognominará de *gabinete de leitura*.

No intuito de diffundir por todas as classes, ainda as menos abastadas, a leitura selecta das melhores obras quer de auctores portuguezes quer estrangeiros, o *gabinete de leitura* ha-de ser explorado por meio de uma economica assignatura diaria e mensal cuja modicidade esteja ao alcance das pequenas bolsas.

E assim quem desejar aproveitar-se da leitura de qualquer das obras que constituem o *gabinete de leitura* poderá fazel-o por dia pagando a quantia de 20 réis, ou por mez pagando a quantia de 400 réis.

Entre as obras archivadas no *gabinete de leitura* figuram já as de Alberto Pimentel, Camillo Castello Branco, Garret, Gomes Amorim, Guerra Junqueiro, Julio Cezar Machado, Pinheiro Chagas, Alvarenga, Andrade, Adolpho Belot, Arlincourt, Claretie, Cafendu, Carrillo, Daudet, Dumas, Escrich, Elue, Fernandez y Gonzalez, Gerard, Goncourt, Gueroult, Marmontel, Mary, Montepin, Ohnet, Ortega y Frias, Paulo Feval, Paulo de Koch, Ponson du Terrail, Renan, Soulié, Tarrago y Matheus, Victor Hugo, Zola e outros e continuará a completar-se com as mais preciosas obras romanticas da actualidade.

Recommendamos pois ao publico em geral a assignatura do *gabinete de leitura* tão modica quão utilitaria.

Gabinete de Leitura⁽⁴⁾ «no intuito de diffundir por todas as classes, ainda as menos abastadas a leitura selecta das melhores obras quer de auctores portuguezes quer estrangeiros».

A ideia de Silva Cerveira era simples: pôr à disposição dos owarenses um bom conjunto de obras literárias contra o pagamento de «uma economica assignatura diaria e mensal cuja modicidade [estivesse] ao alcance das pequenas bolsas» - 20 réis por dia ou 400 réis por mês...

Vale a pena passar os olhos pelo catálogo proposto pelo dinâmico Cerveira: Camilo Castello Branco, Garret, Guerra Junqueiro, Júlio César Machado, Daudet, Dumas, Ponson du Terrail, Vítor Hugo, Zola...

Sabemos, pelo testemunho de António Zagalo dos Santos⁽⁵⁾, que a iniciativa de José Luís Cerveira teve uma pequena duração «sumindo-se os livros, por este e por aquele, como a água em levada que os ratos toupeiram», mas a ideia de fazer alguma coisa pela leitura pública permaneceu⁽⁶⁾.

Não foi necessário passar muito tempo para que surgisse uma nova iniciativa, desta vez com melhores resultados. Tendo sido criadas por disposição legal, em vários pontos do País, comissões de beneficência escolar, com a finalidade de garantir que, pelo menos, algumas crianças pobres tivessem acesso a um grau mínimo de instrução, alguns notáveis espíritos republicanos de Ovar abraçaram a ideia e constituíram, na freguesia, a 3 de Fevereiro de 1906, uma comissão desse tipo.

Os republicanos, como é sabido, defendiam o desenvolvimento da escolaridade como forma de combater o obscurantismo dominante e de promover o desenvolvimento do País. Por isso, unidos a outros cidadãos de boa vontade, estiveram à frente de mais esta tentativa de promover a solidariedade social. Por isso, trabalharam afincadamente para



Retrato da Comissão de Beneficência Escolar da Freguesia de Ovar (cliché de Ricardo Ribeiro), publicado no «Almanaque Ilustrado d'Ovar, para 1914». Da esquerda para a direita, de pé: Pedro Virgolino Ferraz Chaves, Artur Ferreira da Silva, João José Alves Cerqueira e o abade Alberto de Oliveira e Cunha; sentados: João Maria Lopes, Gracinda Augusta Marques dos Santos e Celestino Soares de Almeida

criar a primeira biblioteca semi-pública de Ovar.

Durante três anos, desde que decidiu criar um Gabinete de Leitura para as crianças e os seus sócios auxiliares (a 3 de Dezembro de 1907)⁽⁷⁾, a Comissão de Beneficência Escolar de Ovar, dirigida pelo seu primeiro presidente, o Dr. Pedro Ferraz Chaves, fez tudo o que estava ao seu alcance para constituir uma boa colecção de livros, ao que parece⁽⁸⁾ aconselhada pelo director da Biblioteca do Porto, o republicano José Pereira de Sampaio Bruno.

Dos êxitos e fracassos da Biblioteca da Comissão possuímos uma crónica circunstanciada, inserida nas páginas do semanário republicano local - *A Pátria* - que, logo a partir do seu número de 7 de Abril de 1910, começou a noticiar os títulos da colecção e os nomes dos beneméritos que os ofereceram (entre os quais figuram, por exemplo, o arcebispo de Évora, o presidente da Academia das Ciências Anselmo Braancamp Freire ou o historiador Henrique da Gama Barros). O jornal dos republicanos vareiros também nos dá a conhecer o regulamento interno da Biblioteca Escolar, nos seus n.ºs 107 e 108, de 12 e 19 de Maio de 1910.

Cotejando a informação do semanário em apreço, ficamos a saber que Biblioteca Escolar da Freguesia de Ovar, funcionou,

«provisoriamente», entre 1910 e 1918, na sala das sessões dos Bombeiros Voluntários de Ovar, com um horário generoso (das 18 h às 21 h, de Outubro a Abril e das 9 h às 14 h nos restantes meses do ano), permitindo a leitura domiciliária a um leque bastante alargado de utentes⁽⁹⁾.

Muito ao jeito nacional, a Biblioteca apresentava algumas características peculiares: estava aberta aos domingos e dias santificados mas encerrava em caso de incêndio ou... reunião da direcção dos Bombeiros Voluntários?!

Em Julho de 1918⁽¹⁰⁾, coube ao, também republicano, José de Castro Sequeira Vidal⁽¹¹⁾, então sub-inspector escolar da zona, continuar o esforço da Comissão de Beneficência Escolar, criando a Biblioteca Circulante dos Professores do Círculo Escolar de Oliveira de Azeméis, com sede em Ovar (numa sala do Grémio Ovarense, à rua Manuel Arala). O catálogo dessa biblioteca, impresso na imprensa Pátria, em 1918, apresenta-nos um conjunto diversificado de volumes (da aritmética ao romance, do desenho ao teatro) que estiveram guardados no Grémio Familiar Ovarense, transitando depois, sucessivamente, para a guarda da associação Desportiva Ovarense (criada em 1921) e de António Augusto Correia Baptista (que os recebeu em 6 de Maio de 1924).

O núcleo de dois mil livros, constituído pelos exemplares da Biblioteca Circulante e da Biblioteca Escolar foi instalado na sala do arquivo da Câmara Municipal de Ovar, em 5 de Outubro de 1924, formando o acervo daquilo que, daí em diante, passou a ser a Biblioteca Municipal.

A Biblioteca Municipal

I-A primeira fase (1924-1962)

A inauguração da Biblioteca

Municipal de Ovar, no dia 5 de Outubro de 1924, não foi um acontecimento notável. Iniciativa de uma Câmara republicana, agendado para um dos cerimoniosos aniversários da revolução fundadora do novo regime, só foi noticiada através duma pequena «local» publicada na última página do semanário «A Pátria», órgão do núcleo concelhio do Partido Republicano Português⁽¹²⁾. Nas escassas linhas consagradas ao acontecimento ficou, porém, a promessa de noticiar mais detalhadamente o evento num dos números seguintes. Esse voto acabou por ser cumprido, em Novembro⁽¹³⁾, pela pena de Pedro Chaves, que, na sua coluna regular «O meu cantinho», discorreu sobre a matéria em apreço.

Ao contrário do que poderia parecer, a abertura da Biblioteca Municipal de Ovar

A PATRIA

numa sucessão de scenas que a sua bellissima plastica empresta o melhor dos encantos.

Em breve teremos tambem a fita em episodios, «MAOS DE ARMINHO» cujo entrêdo foi publicado em folhetim do jornal «O SECULO», tendo por protagonistas os eminentes artistas JORGE SEITZ e MARGARIDA COURTOT.

Biblioteca Municipal

Abrirá ao publico no proximo dia 5 de outubro, com aquella designação, uma biblioteca caracteristicamente popular. Por falta de espaço não nos referimos mais detalhadamente a este grande melhoramento, o que faremos n'um dos proximos numeros.

Desde já felicitamos a comissão dirigente.

não foi um passo em frente no sentido da promoção da leitura. Em 1924, a República já se encontrava numa fase agonizante e os entusiasmos políticos já tinham esfriado. Mas, neste lance, o melhor é dar a palavra a Pedro Ferraz Chaves, um dos principais responsáveis pela criação da Biblioteca Escolar e que, já em Maio de 1924, na sua coluna inserta no jornal «A Pátria» tinha denunciado a incúria da ADO na salvaguarda dos livros que tinham pertencido à Biblioteca Escolar⁽¹⁴⁾.

Em Novembro de 1924, dizia o destacado democrático: «...a nossa Camara Municipal inaugurou em 5 de Outubro uma Biblioteca, não sei se com os livros da Biblioteca Escolar ou acrescentada de alguns que tivesse ou que adquiriu. *Diminuida* sei eu que foi em algumas dezenas de livros...»⁽¹⁵⁾.

Sobre as condições em que a colecção foi instalada, Pedro Chaves ironizava dizendo que, para já, a Câmara tinha feito um milagre que ele reputava impossível «arrumar o seu arquivo, retirando de lá desde um formidável monte de papéis que ocupava o centro até aos restos de tapetes, colunas velhas, regadores rôtos, que com os *Diarios do Governo* e livros de actas das sessões formavam o interessante recheio do nosso arquivo municipal». E acrescentava: «Assim a Biblioteca Escolar produziu já os seus primeiros efeitos, provocando uma medida que sendo favorável à instrução o é também, seguramente à higiene e à simples decência».

Sobre a inauguração, o escriba não poupava a vereação: «...tudo aquilo, incluindo a inauguração, foi feito à sucapa, como que a medo e com vergonha dum acto que só honra e dignifica a vereação».

Tudo indica que a instalação provisória da colecção de livros da antiga Biblioteca Escolar, na sala do arquivo da CMO, deve ter contribuído muito pouco para a dinamização da leitura pública. Segundo

Notícia da abertura da Biblioteca Municipal, publicada no jornal «A Pátria», Ano XVII, n.º 855, de 2 Outubro de 1924, p.4

António Baptista Zagalo dos Santos, só a Câmara da presidência de Manuel Pacheco Polónia (1928) se voltou a preocupar com a biblioteca, contratando um homem para elaborar «como soube e lhe aprouve»⁽¹⁶⁾ o catálogo.

O estado de abandono a que a biblioteca ficou sujeita não passou despercebido ao cronista de serviço do semanário «O Povo de Ovar» que, em artigo de primeira página, publicado a 3 de Dezembro de 1931⁽¹⁷⁾, clamava: «A biblioteca, tal como se encontra, tristissimamente instalada, não aproveita absolutamente a ninguém. E' um pequeno armazem de livros, que o pó e humidade vão deteorando» (sic).

Um ofício enviado, em 19 de Maio de 1934, pelo presidente da Câmara de Ovar, Manuel Pacheco Polónia, em resposta a uma circular do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), transmite-nos uma ideia desoladora da Biblioteca Municipal. Um fundo quantitativamente

inferior (1450 livros) ao da antiga Biblioteca Escolar, **doze leitores** (?!), no ano de 1932, poucas aquisições (15 volumes), efectuadas sem qualquer critério: é «o que se resolve no momento»⁽¹⁸⁾.

Já durante a presidência de António Coentro de Pinho (1950-54), a guarda e conservação dos livros da biblioteca foi confiada à Junta de Turismo do Furadouro⁽¹⁹⁾ e estes dois serviços foram, episodicamente, transferidos para uma sala na Quinta de S. Tomé, à rua Luís de Camões⁽²⁰⁾.

Na presidência do Dr. José Eduardo Sousa Lamy a biblioteca regressou ao edifício dos Paços do Concelho, sendo desta vez instalada no rés-do-chão, local onde permaneceu até 1988.

Com efeito, como adiante se verá, só em 1988, a Câmara Municipal voltou a manifestar preocupações com as instalações destinadas à promoção da leitura, transferindo a biblioteca para uma

U: 286
Director
do
Secretariado
de
Propaganda
Nacional
O
Vista

Com participação à circular de P. G.º, datada de 20 de Fevereiro
último, sempre me informar o seguinte:

- 1) Não existe conselho municipal
- 2) Foi fundada em 1924
- 3) Existem 1450 volumes
- 4) Entraram em 1932 15 volumes
- 5) Tem nesse ano 12 leitores
- 6) O horário para o público é das 11 às 17 e das 20 às 23 horas
- 7) As condições da sala são regulares
- 8) A verba usada para a compra de livros, jornais e outras publicações é de 70000
- 9) Não tem encargos com pessoal, por o serviço ser feito pelo da Câmara.
- 10) Não ha deliberação alguma sobre a organização de bibliotecas populares
- 11) A aquisição de livros faz-se o que se resolve no momento e são apresentados ao público a escolha desta.
- 12) Não ha neste conselho municipal biblioteca alguma publica ou particular com acesso ao publico.

Ovar, 16 de Maio de 1934. O Presidente da Câmara Manuel Pacheco Polónia

parte do edifício dos SMAS, à rua Gomes Freire. Entre 31 de Maio de 1988 e 3 de Maio de 1997, a Biblioteca Municipal e a Biblioteca Fixa nº 24 da Fundação Calouste Gulbenkian partilhavam esse espaço.

Os executivos municipais chefiados, sem interrupção, por Manuel Pacheco Polónia (1932-50) não conferiram à Biblioteca Municipal qualquer atenção especial. Só a partir de 1950 as coisas começariam a mudar, com os executivos liderados por António Coentro de Pinho e José Eduardo de Sousa Lamy. Com efeito, no decurso do mandato de António Coentro de Pinho, aquando das comemorações centenárias, organizadas em 1952, pensou-se na reinstalação da Biblioteca Municipal⁽²¹⁾ e em juntar «o maior número possível de trabalhos, tanto literários, como artísticos, manuscritos, impressos ou dactilografados, originais e cópias de autores nascidos na área do concelho e bem assim dos que, vivendo entre nós há muitos anos, interessando-se pela nossa cultura, pelas nossas aspirações e necessidades, podemos considerar da nossa terra»⁽²²⁾.

Esta ideia levou António Baptista Zagalo dos Santos a escrever a obra «Ovar na Literatura e na Arte: subsídio para um dicionário bibliográfico do concelho», que a Câmara Municipal de Ovar (no exercício do presidente Carlos de Sousa Nunes da Silva) editou, em 1962.

No decurso do mandato do Dr. José Eduardo de Sousa Lamy, a Biblioteca foi reinstalada no rés-do-chão do edifício municipal, onde permaneceu até 1988. Já perto do fim do ano de 1959, a Câmara Municipal, por proposta do seu presidente deliberou (na sessão de 2 de Dezembro) publicar a obra «Memórias e datas para a história da vila de Ovar»⁽²³⁾, escrita por João Frederico Teixeira de Pinho, em 1868, inaugurando uma tradição, que se tem mantido, de autarquia publicar obras de carácter histórico local⁽²⁴⁾.

II- As bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian (1958-1997)

Se é verdade que, desde o princípio dos anos 50 do século passado, os executivos municipais passaram a dar alguma atenção à Biblioteca Municipal, tornando-a até o local onde tiveram lugar eventos significativos⁽²⁵⁾ também é verdade que só o início daquilo que veio a ser conhecido como o serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Calouste Gulbenkian provocou uma autêntica «revolução» no domínio da promoção da leitura no Concelho.

Para usar uma metáfora cara a Aquilino Ribeiro, a história da Biblioteca Municipal divide-se em duas partes, tal como a história religiosa se divide em Antigo e Novo Testamento. Depois da «chegada» da Fundação Gulbenkian **e por causa dela** é que se inaugurou um trabalho consistente de promoção e divulgação do livro e da leitura, em todo o País.

A história conta-se com brevidade. Desejando, em 1957, o Dr. Azeredo Perdigão organizar um serviço móvel de promoção da leitura, sob os auspícios da Fundação Calouste Gulbenkian, decidiu convidar, para pôr essa ideia de pé, António José Branquinho da Fonseca que se tinha notabilizado, desde 1942, na direcção do Museu-Biblioteca dos Condes de Castro Guimarães.

À experiência de Branquinho da Fonseca como promotor de uma biblioteca móvel, no concelho de Cascais, juntou-se o entusiasmo de uma equipa de colaboradores, unidos em torno da ideia da promoção do livro e da leitura, e, pouco tempo depois, em 15 de Maio de 1958, a Fundação arrancava com as primeiras 15 unidades do seu Serviço de Bibliotecas Itinerantes⁽²⁶⁾.

Para este tão rápido desenvolvimento do serviço muito contribuiu o empenhamento pessoal de Branquinho da Fonseca o que, no caso de Ovar, é

testemunhado por uma carta endereçada ao Dr. Augusto Chaves (escrita em 1 de Agosto de 1958). Nessa carta, Branquinho da Fonseca pede a colaboração de Augusto Chaves para encontrar uma pessoa «relativamente culta e amadora de livros que ficasse como encarregado da biblioteca», bem como um motorista e um ajudante. Pede, também, que o seu interlocutor encontre um motorista, de preferência, entre os empregados da Câmara «caso a camioneta ficar na garagem municipal» para «dar [à Câmara] possibilidade duma colaboração».

Francisco Rebelo Teixeira
1958

Meu caro Augusto Chaves,
Telefonou-me hoje, mas
não estava. Fico para lhe
pedir esta favor: a saber
se alguma pessoa relativa-
mente culta e amadora
de livros, se ficasse
encarregado da
biblioteca. Este trabalho
apenas se faz às 12h e
nos domingos todo o dia
(das 8h às 12h).
O material pode ser
qualquer, mas preferimos
(no caso da camioneta ficar
na garagem municipal) ter
seja empregado da Câmara,
principalmente para dar a

Carta enviada por Branquinho da Fonseca, director do Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, a Augusto Chaves, em 1 de Agosto de 1958

Em Dezembro de 1958, nas estradas do Concelho, já circulava a Biblioteca Itinerante n.º 3, disponibilizando uma colecção que chegou a ser constituída por cerca de 10.000 volumes. As carrinhas da Fundação Gulbenkian, que prestaram serviço entre 1958 e 1993, estiveram a cargo dos senhores Eduardo Alexandre Seixas, Joaquim Seixas, João Natária, Henrique Caetano, Nini Tavares e José Ferreira Moreira da Câmara(27).

Pouco tempo depois da entrada em

funcionamento do serviço de Bibliotecas Itinerantes, a Fundação Calouste Gulbenkian lançaria a sua rede de bibliotecas fixas, passando o edifício municipal a albergar a colecção da Biblioteca Fixa n.º 24 da Fundação, desde 5 de Novembro de 1962. A Biblioteca Fixa da Fundação, funcionando das 18h às 20h, nos dias úteis, disponibilizou aos leitores vareiros cerca de 12.000 livros.

III- A Biblioteca Municipal (1962-1988)

Alguns meses antes da «revolução» provocada pela Fundação Calouste Gulbenkian (com a instalação da Biblioteca Fixa, n.º 24), em Abril de 1962, a Biblioteca Municipal passou a contar com a direcção do Dr. Eduardo Lamy Laranjeira(28) e a colaboração do sr. José Maria da Graça, funcionário da Junta de Turismo do Furadouro.

Iniciou-se, então, um trabalho de **reorganização** da Biblioteca Municipal, inventariando-se, sistematicamente, as obras existentes, acondicionando-se a documentação dispersa, mandando-se consertar e encadernar livros e jornais, adquirindo-se novas monografias e publicações periódicas de muito interesse.

Em 1970, o Dr. Eduardo Lamy Laranjeira abandonou as funções de director da Biblioteca Municipal, continuando, no entanto, a Biblioteca a contar com a colaboração do sr. José Maria da Graça(29).



Uma das salas da Biblioteca Municipal no r/ch dos Paços do Concelho

IV- O livro e a leitura na «era Gulbenkian»

Cotejando as pequenas notícias e artigos publicados na imprensa local, é possível traçar um quadro bem nítido das mudanças operadas nos hábitos de leitura, «por obra e graça» da Fundação Calouste Gulbenkian⁽³⁰⁾.

Logo em 1963, por exemplo, as Bibliotecas Municipal e Fixa da Fundação Gulbenkian, passaram a dispor de 4000 volumes, registaram 5403 atendimentos, e realizaram 19.525 empréstimos⁽³¹⁾. Estes números são absolutamente extraordinários se tivermos em linha de conta o reduzido horário de funcionamento (das 18 h às 20 h, apenas nos dias úteis) e o limite de empréstimos de livros por requisição (3). Isto sem contar com os resultados da Biblioteca Itinerante nº 3...

Ao que parece, esta situação manteve-se durante décadas. Em 1975, registaram-se 5.335 atendimentos e foram emprestados 14.251 livros⁽³²⁾ o que sugere uma grande estabilidade do público leitor e do trabalho das duas bibliotecas.

Os dados disponíveis, apesar de esparsos e incompletos, sugerem que o movimento se manteve e número de leitores foi aumentando progressivamente, como se pode verificar nos

quadros seguintes.

V- Mais uma ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian

A partir de 1986, o Estado Português decidiu, finalmente, assumir as suas responsabilidades em matéria de promoção do livro e da leitura, dando início à construção de uma verdadeira rede nacional de leitura pública⁽³³⁾. Em face dessa nova realidade, a Fundação Calouste Gulbenkian insistiu junto do Município de Ovar para que a sua Biblioteca Fixa nº 24 fosse remodelada e reinstalada⁽³⁴⁾.

Foi na sequência da intenção manifestada pela Fundação Calouste Gulbenkian de desactivar a sua Biblioteca Itinerante e de retirar a sua Biblioteca Fixa nº 24, das instalações camarárias, por «falta de condições mínimas»⁽³⁵⁾ para funcionamento, a partir de 30 de Julho, que o presidente da Câmara José Guedes da Costa estabeleceu contactos com a Secretaria de Estado da Cultura para tentar uma solução para o problema.

As diligências do presidente da Câmara de Ovar, em Lisboa não surtiram, o efeito desejado, tal como foi relatado na sessão camarária de 14 de Julho de 1987⁽³⁶⁾, mas a semente estava já «lançada à terra». No ano seguinte, seria apresentada ao

Mês	Livros emprestados	Número de atendimentos	Número de leitores inscritos	Fonte
Janeiro	1481	513	328*	JS, A LXIII, nº 3198, de 15/02/1976, p. 3
Março	1541	649	499	JS, A LXIII, nº 3202, de 15/04/1976, p. 5
Abril	1368	569	557	JS, A LXIII, nº 3204, de 15/05/1976, p. 5
Maior	1494	610	601	JS, A LXIII, nº 3206, de 15/06/1976, p. 3

QUADRO I - 1976 (*Todas as inscrições, até 31 de Dezembro de 1975, foram anuladas, para actualização)

Mês	Livros emprestados	Número de atendimentos	Número de leitores inscritos	Fonte
Março	1268	524	853	JS, A LXIV, nº 3227, de 01/05/1977, p. 3
Agosto	1064	370	949	NO, A XXX, nº 1521, de 11/11/1977, p. 2
Outubro	1276	482	984	NO, A XXX, nº 1521, de 11/11/1977, p. 2

QUADRO II - 1977

Instituto Português do Livro e da Leitura uma candidatura para a construção de uma Biblioteca Municipal(37) e, em Maio de 1988, eram inauguradas novas instalações para o funcionamento da Biblioteca Municipal, no «velhinho» edifício dos SMAS, ao mesmo tempo que a Câmara Municipal, anunciava a intenção de recrutar um «bibliotecário auxiliar»(38).



Fachada do Edifício dos SMAS, onde a Biblioteca Municipal funcionou entre 1988 e 1997

Da insistência da Fundação Calouste Gulbenkian resultou o empenhamento pessoal dos autarcas vareiros (especialmente do Presidente José Guedes da Costa e do Vereador Dr. Laranjeira Vaz) na resolução do problema chamado «Biblioteca Municipal de Ovar». A Fundação manteria a sua colaboração de forma particularmente intensa até Maio de 1997, data em que, generosamente, ofereceu a coleção da Biblioteca Fixa n.º 24 ao concelho de Ovar. Já antes, em 1993, tinha oferecido à Câmara Municipal(39) a sua Biblioteca Itinerante n.º 3 e o respectivo recheio!

VI- A «nova vida» da Biblioteca Municipal (1988-1997)

Inicialmente, as novas instalações do «velhinho» edifício dos SMAS(40) continuaram a cargo de um funcionário da Câmara Municipal, sem nenhuma habilitação específica na área das

bibliotecas e da documentação. O quadro não tardaria, porém, a sofrer alterações.

Em Maio de 1988, a Câmara Municipal apreciava a primeira proposta para abertura de concursos para ingresso de 1 técnico superior e 1 técnico auxiliar de BAD(41). Em Março de 1989, foi recrutado, ao abrigo do programa OTJ, o funcionário Carlos Rogério Santos(42) (que, alguns anos depois, se tornaria técnico-adjunto de BAD), ao mesmo tempo que nas reuniões da Câmara o tema «Biblioteca Municipal» era cada vez mais assunto de discussão(43).

Em Maio de 1989, já a Biblioteca tinha passado a dispor de uma Técnica Superior de História - a Dr.ª Ângela Maria Fernandes Ferreira de Castro(44) - que, pouco tempo depois, obteve a pós-graduação em Ciências Documentais, tornando-se a primeira técnica superior de Biblioteca e Documentação a prestar serviço na Câmara Municipal de Ovar. Em Abril do ano seguinte, através de uma transferência da Universidade de Aveiro, a Biblioteca passou a contar o seu primeiro técnico auxiliar de BAD - a sr.ª D. Maria da Encarnação Duarte Dias(45).

Tudo começava realmente a mudar: instalações, mobiliário, colecções, quadro de pessoal, horário... A Biblioteca Municipal começava a ganhar uma nova vida.

Segundo os dados de que dispomos, em 1989, a Biblioteca registou 8338 atendimentos e emprestou 23.012 livros(46). É possível seguir os resultados do desempenho da Biblioteca Municipal observando o quadros anexos.

Ano	Livros emprestados	Número de atendimentos	Número de leitores inscritos
1990	30595	12153	2147
1991	46606	20873	2797
1992	63694	22540	1345*
1993	69178	26337	2166
1994	66817	29400	2682
1995	97086	38331	3197
1996	100532	34987	3471**

Quadro III - fonte: Dossier «Estatística - sala de leitura» (*novas inscrições desde Janeiro; **em Maio de 1996)

Doc. áudio/vídeo emprestados	N.º atendimentos AV
6821	6620

Quadro IV - (1996) fonte: Dossier « Estatística - sala de leitura»

Dispomos, também, de dados para avaliar o desempenho da Biblioovar, desde 1993, data em que esta passou para a responsabilidade da Câmara Municipal de Ovar.

Ano	Atendimentos	Livros emprestados
1994	14948	17512
1995	14219	21754
1996	13278	23184

Quadro V - fonte: Dossier « Estatística Biblioovar»

Com instalações renovadas, horário de abertura ao sábado(47), alguns quadros técnicos, novo mobiliário, novos livros e os primeiros documentos audio-visuais a Biblioteca ganhou dinamismo. Foram organizadas secções diferenciadas, geraram-se iniciativas de animação cultural, informatizou-se o catálogo. Em suma estava o caminho aberto para uma nova fase da História da leitura pública no Concelho.

VII- A Biblioteca da Junta de Freguesia de Esmoriz

No último trimestre de 1990, a Junta de Freguesia de Esmoriz decidiu reservar um salão do seu edifício para a instalação de uma biblioteca. Para o efeito, procedeu a obras, enviou pedidos de oferta de livros a instituições e a particulares (Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Cupertino de Miranda, pároco local, etc) e recrutou uma funcionária - a Sr^a D. Blandina Couto - que entrou em funções em 29 de Janeiro de 1991, sob a orientação da Dr^a Rosa Amélia Pinto Reis Albergaria, professora do Ensino Secundário.

A Biblioteca que abriu as suas portas em Fevereiro de 1991, funcionou com o mesmo horário da Junta de Freguesia (de 2^a a 6^a das 9 h às 12 h e 30 m e das 14 às 17 h e 30 m), permitindo o acesso a uma colecção de livros que chegou (2000) a

cifrar-se em 3856 volumes, uma parte dos quais estiveram disponíveis para empréstimo domiciliário. Apenas para consulta interna, a biblioteca possuiu um catálogo de autores composto por fichas dactilografadas.

Em 15 de Dezembro de 2000, a colecção transitou para novas instalações, sitas no Palácio dos Castanheiros, integrando-se estas na Rede Concelhia de Bibliotecas.

VIII- A Rede Concelhia de Bibliotecas (1997-2005)

Após um processo moroso(48), a construção de raiz de instalações próprias para o funcionamento da Biblioteca Municipal, num local central e facilmente acessível da cidade de Ovar, iniciou-se em 25 de Abril de 1995. Dois anos depois, em 3 de Maio de 1997, a nova Biblioteca abria as suas portas.



Edifício da BMO, inaugurado em 1997

Nessa altura, quis o executivo municipal, liderado pelo Dr. Armando França Rodrigues Alves, que o evento, mais do que um ponto de chegada dum longo peregrinar, significasse a abertura de um novo ciclo na história da leitura pública local.

Esse novo ciclo constou da abertura sistemática de pólos de leitura nas várias freguesias do Concelho e foi um dos projectos mais acarinhados pelo Dr. Manuel Alves de Oliveira, então Vereador da Cultura e actual Presidente da Câmara Municipal de Ovar.

Em poucos anos (1999-2005), constituiu-se a Rede Concelhia de Bibliotecas de Ovar, com pólos de leitura em Maceda (18 de Dezembro de 1999), Esmoriz (15 de Dezembro de 2000), Cortegaça (16 de Março de 2001), Arada (25 de Abril de 2003), S. Vicente de Pereira (25 de Julho de 2003) e Válega (25 de Abril de 2005). Actualmente, só a novel freguesia de S. João de Ovar ainda não dispõe de uma estrutura deste tipo.

Paralelamente ao grande

investimento feito em instalações e equipamentos, o quadro técnico foi ampliado. Em Maio de 1997, a nova biblioteca dispunha de 10 técnicos profissionais de Biblioteca e Documentação; actualmente, a Rede Concelhia possui 2 Técnicos Superiores de BD, 1 Técnico Superior de História e 13 Técnicos Profissionais de BD.

Não cabe no âmbito deste pequeno artigo fazer uma avaliação das transformações provocadas pela entrada



Edifícios onde funcionam os pólos da BMO

em funcionamento das novas instalações da BMO e dos seus pólos, nem encetar uma discussão sobre o futuro da leitura pública no Concelho. De qualquer maneira, convém sublinhar que, desde 1997, se verificou um crescimento significativo no número de atendimentos de utentes (e do número de documentos emprestados, que, actualmente, andarão na casa das centenas de milhar).

Apreciando a actual Rede Concelhia de Bibliotecas, parece pacífico concluir que a abertura das novas instalações da Biblioteca Municipal, com as suas secções diferenciadas (Infantil, Geral e de Audio-Visuais), colecções renovadas e modernos equipamentos, contribuiu para um crescimento exponencial da leitura pública. Ao aumento do investimento em meios materiais e humanos correspondeu, portanto, um melhor serviço prestado à difusão do livro e da leitura, da música e do cinema. A abertura dos pólos de leitura, nas freguesias, favoreceu a descentralização e fez com que fosse possível servir um público mais vasto. Assim, a abertura das novas instalações e a construção da rede concelhia podem ser vistos como uma segunda «revolução» em matéria de leitura pública no Concelho.

Provavelmente, será esta a melhor altura para, reflectindo sobre o passado, traçar novos caminhos para o futuro.

Notas

- 1 Cfr. VIEIRA, Joaquim, *Portugal século XX: crónica em imagens, 1900-1910*, Lisboa, Circulo de Leitores, 1999, p. 214.
- 2 RAMOS, Rui, *Analfabetismo*, in *Dicionário de História de Portugal*, Porto: Figueirinhas, 1999, vol. VII, p. 95-100.
- 3 V. SANTOS, António Zagalo dos, «Saibam quantos...», Ovar, Câmara Municipal, 2001, p. 192.
- 4 V. «A Discussão», A. VI, nº 299, de 14 de Abril de 1901, p. 2.
- 5 V. SANTOS, António Zagalo, *Ovar na literatura e na arte*, p. 17.
- 6 Ainda, em 1944, a papelaria Gama fazia publicar um anúncio, no quinzenário «João Semana», sugerindo aos owarenses a possibilidade de ler seis livros pelo preço de um único. (JS, A. XXX, nº 1603, de 23 de Novembro de 1944, p. 4).
- 7 V. «A Discussão», A. XIII, nº 652, de 8 de Fevereiro de 1907, p. 2 e SANTOS, António Zagalo, *Ovar na literatura e na arte*, p. 17.
- 8 Segundo «A Patria», A. II, nº 96, de 24 de Fevereiro de 1910, p. 3.
- 9 Qualquer residente na freguesia podia ser leitor desde que o requeresse, por escrito, e efectuasse o pagamento anual de 1\$500 réis.
- 10 SANTOS, António Zagalo, *Ovar na literatura e na arte*, p. 18.
- 11 José de Castro Sequeira Vidal (1874-1920) foi farmacêutico e sub-inspector escolar, desde 1903, cfr. «Monografia de Ovar», 2ª ed., vol. 3, p.328.
- 12 «A Patria», A. XVII, nº 855, de 2 de Outubro de 1924, p. 4.
- 13 «A Patria», A. XVII, nº 862, de 20 de Novembro de 1924, p. 2.
- 14 «A Patria», A. XVII, nº 837, de 29 de Maio de 1924, p. 2.
- 15 Pedro Chaves não era um observador independente dos factos da sua terra, daí a sua atitude crítica sobre a inauguração da Biblioteca. Note-se que este republicano owarenses foi um dos principais mentores da Comissão de Beneficência Escolar de Ovar e, por isso mesmo, um dos homens que teve a ideia de lançar, em 1907, o Gabinete de Leitura, que abriu portas em 1910, numa das salas da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Ovar. Este pioneiro da promoção da leitura acompanhou, depois, o trânsito dessa colecção de livros pela Biblioteca Circulante dos Professores do Circulo Escolar de Oliveira de Azeméis e pela Associação Desportiva Owarenses, trajecto em que alguns livros se foram perdendo...
- 16 SANTOS, António Baptista Zagalo dos, *Ovar na Literatura e na Arte*, p. 19.
- 17 A. III, nº 132, de 3 de Dezembro de 1931, p. 1
- 18 Arquivo Municipal de Ovar, documento nº 124.
- 19 Os livros ficaram à guarda do Sr. Manuel André Redes, funcionário da JTF.
- 20 Cfr. Alberto Sousa Lamy, «Monografia de Ovar», 2ª ed., vol. 3, p. 132-133.
- 21 Como já vimos atrás, a Biblioteca esteve provisoriamente instalada na Quinta de S. Tomé.
- 22 SANTOS, António Baptista Zagalo dos, *Ovar na Literatura e na Arte*, p. 15.
- 23 Cfr. LAMY, Alberto Sousa, «Monografia de Ovar», 2ª ed., 2º vol., p. 26.
- 24 A última obra publicada - *Datas da História de Ovar*, do Dr. Alberto Sousa Lamy - saiu em 2005.

- 25 Reuniões para organização do Carnaval de Ovar, exposições de fotografia, distribuições de prémios, etc.
- 26 Cfr. «40 anos ao serviço da leitura pública em Portugal, 1958/1998», p. 5.
- 27 Segundo o folheto «40 anos ao serviço da leitura pública em Portugal, 1958/1998», p. 9-10 e o testemunho dos senhores Eduardo e Joaquim Seixas.
- 28 Cfr. LARANJEIRA, Eduardo Lamy, *Os primórdios da Biblioteca*, in: Notícias de Ovar, A. LIII, nº 2732, de 27 de Dezembro de 2003, p. 3.
- 29 Depois da aposentação do sr. José Maria da Graça, passaram pela Biblioteca Municipal, os funcionários sr^a D. Maria Irene Soares Teixeira Palavra, sr^a D. Maria do Céu Valente Pinho Costa e o sr. Vítor Manuel Pinho Rodrigues.
- 30 A partir de 1975, o quinzenário «João Semana», passou a incluir pequenas notas e artigos em que eram noticiadas as novas aquisições, o movimento das bibliotecas Municipal e da Fundação Gulbenkian, etc.
- 31 Fonte: «Notícias de Ovar», A. XVI, nº 822, de 11 de Junho de 1964, p. 1 e 3.
- 32 V. «João Semana», A. LXIII, nº 3197, de 1 de Fevereiro de 1976, p. 3.
- 33 V., por exemplo, NUNES, Henrique Barreto, *Da biblioteca ao leitor*, p. 32-33. Segundo o quinzenário «João Semana», já, em Julho de 1986, a CMO tinha fornecido dados ao INE, visando a implementação de uma rede de leitura pública no País (A. 73, nº 13, 1/07/1986).
- 34 Sobre o evoluir desta matéria cfr. «Terras d'Ovar», A. IV, nº 86, de 10 de Setembro de 1987, p. 4, A V, nº 101, de 25/4/1987, p. 1 e 7 e «João Semana», A. 74, nº 8, de 15/04/1987, p. 3. Veja-se, também a acta da reunião da Câmara Municipal, de 17 de Março de 1987.
- 35 Como se pode ler no «João Semana», A. 74, nº 11 de 1 de Julho de 1987, p. 4.
- 36 V. acta da reunião da Câmara Municipal de 14 de Julho de 1987 e «Terras d'Ovar», A. V, nº 111, de 25 de Setembro, p. 4.
- 37 Cfr. «Terras d'Ovar», A. V, nº 119, 25 Jan-10 Fev. 1988, p. 6.
- 38 V. «João Semana» A. 75, nº 13 de 1 de Junho de 1988, p. 1, «Notícias de Ovar», A. XI, nº 2073, de 2 de Junho de 1988, p. 5 e «Terras d'Ovar», A. VI, nº 128, de 10 de Junho de 1988, p. 1 e 3.
- 39 Na reunião ordinária da Câmara Municipal de Ovar, de 19/01/1993, o sr. Vereador Rui Cunha chamou a atenção do sr. Presidente José Guedes da Costa, para a necessidade da Câmara Municipal garantir a continuidade do serviço da Biblioteca Itinerante, que, nessa altura a Fundação Gulbenkian pretendia extinguir. A partir daí, o sr. Presidente acordou com a Fundação a continuidade do serviço, passando este para a responsabilidade da CMO, em Dezembro de 1993, como se poderá constatar na acta da reunião ordinária da CMO, de 21/09/1993.
- 40 O edifício foi construído, em 1913, para albergar a «Companhia de Iluminação e Tracção de Ovar», a primeira central eléctrica do Concelho.
- 41 V. Acta da reunião de Câmara de 3 de Maio de 1988 e «João Semana», A. 75, nº 13, de 1 de Julho de 1988, p. 7.
- 42 Actualmente, o funcionário da Biblioteca Municipal que se encontra há mais tempo em funções.
- 43 V. por exemplo, actas das reuniões da Câmara de Ovar de 7/3, 21/3, 4/4, 19/9, 26/9, 3/10 e 24/10.

- 44 V. Acta da reunião da Câmara Municipal de 26 de Abril de 1989.
- 45 Cfr. Acta da reunião da Câmara Municipal de 3 de Abril de 1990.
- 46 Fonte: Dossier «Estatística - sala de leitura».
- 47 O novo horário da BMO, foi aprovado na reunião ordinária da CMO, em 15 de Outubro de 1991.
- 48 A candidatura para a construção das novas instalações da BMO só foi apresentada em 1989. O contrato-programa com o IBNL só foi assinado em 8 de Junho de 1994.

Bibliografia

Manuscritos

- Documento nº 124 do Arquivo Municipal de Ovar
- Carta de Branquinho da Fonseca a Augusto Chaves
- Dossier «estatística sala de leitura»
- Dossier «estatística Bibliovian»

Actas

- Actas das reuniões ordinárias e extraordinárias da Câmara Municipal de Ovar (1986-1998)

Documentos Fotocopiados

- Relatórios de actividades da DCBPH

Monografias

- LAMY, Alberto Sousa, *Monografia de Ovar*, 2ª ed., Ovar, Câmara Municipal, 2000.
- NUNES, Henrique Barreto, *Da biblioteca ao leitor*, Braga, 1996.
- SANTOS, António Baptista Zagalo dos, *Ovar na Literatura e na Arte*, Ovar, Câmara Municipal, 1962.
- SANTOS, António Baptista Zagalo dos, *Saibam quantos...*, Ovar, Câmara Municipal, 2
- VIEIRA, Joaquim, *Portugal século XX: crónica em imagens, 1900-1910*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999.

Folhetos

- «40 anos ao serviço da leitura pública em Portugal, 1958/1998», Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

Artigos

- RAMOS, Rui, *Analfabetismo*, in *Dicionário de História de Portugal*, Porto: Figueirinhas, 1999, vol. VII, p. 95-100.

Publicações Periódicas

- A Discussão
- A Patria
- João Semana
- O Povo de Ovar
- Notícias de Ovar
- Terras d'Ovar